

## REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS DA PROSTITUIÇÃO EM LONDRINA

*Liana Reis dos Santos<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este artigo analisa as representações e práticas da prostituição entre as “mulheres de programa” na Praça Rocha Pombo (Londrina-PR). Busca entender um cotidiano específico cujas “regras do jogo” só podem ser reveladas e vividas por quem as domina ou a quem é permitido penetrar nos bastidores do “Mundo da Prostituição”. O trabalho se justifica por dar voz às “mulheres programa” e conhecer a representação que fazem de si mesmas e das outras mulheres da Praça.

**Palavras-chave:** representação; prostituição; habitus/campus.

Dentro dos chamados grupos desviantes, as prostitutas não deixaram de ser objeto de grande interesse no decorrer destas últimas décadas. Cientistas sociais, antropólogos, médicos e imprensa elaboraram textos científicos discorrendo tanto sobre a historicidade quanto sobre suas práticas e representações.

Resgatando a fala de Laure Adler (Adler, 1991) sobre a prostituta “... ela não nasce prostituta, ela se torna prostituta...”, as razões são as mais diversas. Vista pela sociedade como a mais antiga profissão, denominada a chamada “vida fácil”, vender o corpo em troca do dinheiro para satisfazer os mais variados desejos e fantasias. O que importa é o preço. Mas, a que preço? Assim temos estudos sobre as “casas de tolerância”, “bordéis”, “chacrinhas”, “rendez-vous”, “boates” e a rede de relações e comércio que vivem de tal atividade. Como bem lembrado por Margaret Rago (1991) a prostituição gera uma verdadeira máfia.

Em Londrina, a “Terra da Promissão”, a prostituição não ocorreu de forma diferente. A terra do café, criada por pioneiros imigrantes, racionalmente planejada e disciplinarizada não fugiu aos padrões das outras cidades. Terra também excludente, a elite discriminava os indivíduos cujos padrões de beleza, moda e status não se enquadravam aos seus valores.

Dessa forma, o objetivo de nosso trabalho, foi conhecer as representações e práticas das mulheres que fazem parte do cenário da prostituição na cidade de Londrina, especificamente as mulheres da Praça Rocha Pombo. Como bem lembrado por Antônio Benatti,

---

<sup>1</sup> Este artigo faz parte da monografia de especialização em Sociologia e Sociologia da Educação do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, sob orientação da Prof. Dr.ª Maria Helena Rocha Antunias. A autora é voluntária da Associação Londrinense Interdisciplinar de AIDS (ALIA – Londrina-PR) e desde 1995 coordena o trabalho do Projeto Previna/Ministério da Saúde/ALIA.

“...a história dos marginais é necessariamente uma história fragmentada. Ela se faz pelos indícios que foram deixados principalmente pelos que detinham o monopólio dos discursos, pelos que falavam sobre os marginais, mas não os deixavam falar...” (Benatti, 1996, p. 4).

Assim, busquei entender um cotidiano específico cujas “regras do jogo” só podem ser reveladas e vividas por quem as domina ou a quem é permitido penetrar nos bastidores do “mundo da prostituição”.

Este trabalho se justifica ao dar voz aos lábios emudecidos, aos olhos que tudo viam e sentiam, mas calavam. Personagens mantidos às “sombras”, escondidos nas falas de outros, através de matérias jornalísticas, boletins médicos, depoimentos de boêmios, juristas. Agora, estes agentes sociais – as “mulheres de programa” – falam de si, falam sobre o que é ser prostituta. Dessa maneira, como diria Benatti, as “margens” se tornam “centro”.

Parti em busca de respostas que me revelassem as representações e práticas da prostituição na Praça em Londrina, segui uma trajetória que contou com duas fases interligadas. Na primeira, junto ao Projeto Previna<sup>2</sup>, as sessenta e cinco “mulheres de programa” (do hotel, bar, rua e da Praça) participaram de reuniões mensais no Centro de Referência Bruno Piancasteli, onde eram discutidos temas sobre sexualidade, saúde, doença e cidadania. Nessas ocasiões, tive oportunidade de traçar o perfil sócio-econômico do grupo: mulheres separadas (30%), com idade entre 30 e 47 anos (55,4%), com dois a quatro filhos (33,9%), com baixa ou nenhuma escolaridade (40%), na grande maioria tendo como única fonte de renda (53,8%) a atividade de prostituição e como local escolhido para “ponto” a Praça (61%). Na segunda fase, através de dez histórias de vida e depoimentos busquei apreender a visão de mundo, o cotidiano, tendo como meta visualizar as representações e as práticas do “mundo da prostituição”.

Após a revisão bibliográfica sobre o tema Prostituição, selecionei as questões que norteariam e permitiriam um diálogo constante entre mim e os outros autores. Assim, levantei algumas indagações a respeito do que é a atividade de prostituir-se na Praça Rocha Pombo: a atividade que praticam na Praça é por elas vista como profissão? Elas se consideram profissionais do sexo? Se percebem em risco frente a AIDS? Neste caso, possuem práticas seguras de sexo? A Praça seria um espaço como o da *rua* analisado por Freitas? A atividade da prostituição poderia ser visualizada como um *campo* envolvendo relações de poder? Para a análise do corpus, apoiei-me em Bourdieu que aborda a superação da dicotomia existente entre subjetivismo e objetivismo, na qual, a interação da teoria e prática são alcançadas.

Depois de realizar as leituras sobre Prostituição, pude perceber as diferentes visões desta atividade.

---

<sup>2</sup> Projeto de intervenção comportamental que atualmente conta com 160 mulheres prostitutas.

Gaspar (1985), Bertero (1991) e Machado (1988) nos mostraram a prostituição como uma atividade de venda do corpo, como uma mercadoria, em troca de um ganho que permite às mulheres inserção na sociedade capitalista. As prostitutas, com as quais as autoras trabalharam, definiram o ato de prostituir-se como forma de trabalho, uma maneira de participação na sociedade capitalista. Os agentes sociais: cafetina, cafetão e comerciantes estão presentes e se relacionam no cenário da prostituição.

Moraes (1996) retratou o cotidiano no Manguê entre as prostitutas e os outros agentes sociais: cafetinas, cafetões e comerciantes como uma forte rede de relações onde as prostitutas, organizadas em uma associação, salvaguardam os seus direitos. As mulheres analisadas por Moraes se auto-denominam “profissionais do sexo”. Vêem a prostituição como profissão.

Comparando os resultados da minha pesquisa com os trabalhos acima citados, constatei significativas diferenças. A atividade de prostituição na Praça tem características peculiares. Não é, categoricamente, percebida pelas “mulheres de programa” que ali se encontram, como uma atividade profissional. Ali não estão presentes a figura do cafetão, da cafetina ou dos comerciantes tirando proveito como o verificado em outros estudos. As “mulheres de programa” da Praça sentem vergonha de “estar” na atividade de prostituição. Para elas, tal atividade é encarada como uma estratégia de sobrevivência e não uma forma de trabalho como o analisado por Gaspar, Bertero e Machado. As “mulheres da Praça” não são prostitutas, “estão” prostitutas!

A análise das histórias de vida das mulheres da Praça e a maneira como vivenciam sua atividade nos remete à noção de “habitus” em Bourdieu:

“Habitus: ...um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (...) indica a disposição incorporada (...) um agente em ação...” (Bourdieu, 1989, p. 61)

Brioschi e Trigo (1989) corroboram na análise interpretando a noção de representação em Bourdieu,

“... representação vem a ser a elaboração subjetiva, mental, que os indivíduos fazem das suas condições materiais de vida...” (op. cit. p. 14)

Como a maior parte das mulheres (sete) é oriunda do meio rural, pude perceber que as suas representações e práticas estão ligadas a sua socialização primeira, à cultura “caipira”, cujo padrão de moral é rígido e conservador em relação aos padrões atuais. A cultura “caipira” é a cultura da socialização pelo trabalho. As mulheres ajudam desde meninas a cuidar da casa e a “pegar no pesado” (Antunias-si, 1993, 1994, 1995). Para elas, “trabalhar” significa produzir algo. Semelhante ao que faziam na roça junto aos pais: tirar da terra o alimento para o sustento da família. A visão de trabalho que elas construíram é uma visão concreta: o trabalho

da terra. Assim, a prostituição, sob o ponto de vista dessas mulheres, pode ser analisada como uma estratégia de sobrevivência, não uma profissão. A venda do corpo é uma atividade considerada vergonhosa, uma negação do trabalho exercido de sol a sol. Por se sentirem envergonhadas, escondem de todos sua real atividade, inclusive da família.

Pude perceber, através das leituras (Castro, 1994 e Benatti, 1996) que a cidade de Londrina, na década de 50, se constituía basicamente de imigrantes com padrões de moral rígidos e conservadores que nos dias atuais se mantêm contribuindo para que as mulheres da Praça não se considerem “profissionais do sexo”:

– Eu falo que trabalho de diarista. Eu minto pros outro. Eu falo. \_ “Trabalho de diarista” Eu minto... eu tenho vergonha (risos). (Santos, 1997, p. 48)

Diferente da prostituição analisada por Bacelar no Maciel, local de moradia e “encontro” onde as prostitutas contam com a ajuda da família quando recebem clientes.

Ao comparar o *espaço* da Praça com o território de *rua*, descrito por Freitas (1984) envolto nos problemas de tráfico de drogas, assaltos, batidas policiais, verifiquei diferenças marcantes. Primeiro, não existe na Praça a figura do cafetão ou da cafetina, mas sim a presença “sutil” da “mulher mais velha”. É ela que tudo vê, tudo cuida e de certa forma dita as regras. Segundo, os policiais da Praça não mantêm com as mulheres o mesmo tipo de relação (cumplicidade atrelada a favores) como o descrito por Freitas em sua análise da rua. Na Praça, os policiais impõem códigos de condutas que se forem quebrados pelo grupo de mulheres que ali se encontram, serão devidamente punidas e expulsas. A discricção é a marca da “tolerância” no relacionamento entre mulheres, policiais, e comerciantes. Ao analisar o espaço físico e o espaço social, o *lugar* da prostituição, como diria Bourdieu (1993), em que as mulheres exercem sua atividade do “programa”, verifiquei que esta segue regras bem delineadas, apesar de camufladas. Os agentes sociais que ali atuam, demonstram uma “aparente” indiferença uns em relação aos outros. Entretanto, vivenciam uma marcante e silenciosa competição pelo espaço da Praça. Entre as mulheres essa competição é potencialmente acirrada: cada uma no seu canto. O “jogo do poder” está presente, mas só o conhece quem dele faz parte. São as “mulheres mais velhas” que ditam as regras revelando-se exímias articuladoras na ocupação do espaço. São elas que melhor se relacionam com os policiais e os demais agentes, ambulantes e comerciantes e, portanto, detêm controle sobre as novatas que ali pretendem se fixar. É como se elas manipulassem um capital social amealhado pela antiguidade no exercício da atividade.

No cotidiano da Praça, as “mulheres de programa” são discretas, com opacos adornos para não se fazerem tão visíveis aos olhos dos passantes e para que possam se misturar às outras tantas pessoas que por ali transitam. Ficam sentadas nos bancos ou encostadas às árvores em busca de sombra. Aguardam o cliente

“certo”, o cliente preferido: o idoso, o cliente assíduo, o cliente do dinheiro contado. Todos a procura de algo para ser satisfeito, seja o sustento da casa ou a satisfação do desejo de uma fantasia erótica ou o simples “gozo” do “macho”.

Cabe a “ela” a escolha do local para o “programa”, quase sempre o hotel (as pensões são vistas como um lugar sujo, fétido). Tudo “acontece” dentro do chamado sexo “normal”: ele por cima, ela por baixo, conforme este depoimento: “...eu não sei, né, até como eu ganho dinheiro, porque o meu negócio é só papai e mãe. Mas!!!...”

Nas carícias que elas aceitam não estão incluídas as partes ditas “sagradas”. Estas, só seu “home” toca, beija, afaga. Este sentimento de preservar para o seu “home” algumas partes do corpo está presente também no estudo de Moraes (1996), porém, entre as prostitutas que ela descreveu, encontram-se aquelas ditas “especialistas”, aquelas que fazem “certas coisas”. Essas práticas de sexo estão ausentes entre as mulheres da Praça.

A visão que as “mulheres de programa” têm em relação ao cuidado com o corpo, da prevenção de doenças, está intimamente ligada à representação da atividade que exercem. Como não se sentem prostitutas, “profissionais”, guardam uma relação “romântica” com a atividade, não conseguem se ver em risco frente às doenças a que estão expostas. A AIDS se torna uma impossibilidade, já que só os “outros” é que estão sujeitos à contaminação: elas não (Knauth, 1996). A AIDS, segundo as “mulheres de programa” da Praça, vem “da sujeira..., das drogas..., Deus mandou devido aos pecados do mundo” (Ramos, s/d). Por isso, os clientes escolhidos são os clientes “certos”: os idosos (preferidos), os cheirosos, os bem vestidos, todos dão a elas a segurança, a tranquilidade de não estarem contraindo doenças. Por isso não fazem ou exigem o uso do preservativo por parte desses clientes, abrem mão das precauções. No seu modo de pensar, não estão ali (na Praça) exercendo uma profissão, é mais uma procura de alguém capaz de tirá-las da situação de privações em que se encontram. Querem encontrar “o seu home”. Então, quando se deparam com um cliente que satisfaz a sua fantasia, um cliente potencialmente “fixo”, elas relaxam nos cuidados com o corpo expondo-se ao risco frente à contaminação de doenças. Desse modo, o preservativo se torna perfeitamente dispensável ou, conforme dizem: “...uma vez lavada, está nova em folha...”. Daí o alto índice de Doenças Sexualmente Transmissíveis/DST entre elas. No contexto do Projeto Previna ficou bem evidenciada, através do material informativo por elas elaborado, que conhecem o perigo a que estão expostas. No entanto, este conhecimento não se faz presente em suas práticas.

Pude notar que são visíveis na Praça as considerações elaboradas por Guimarães (1992) no que diz respeito à “negociação” do preservativo entre pares. Quando conseguem um parceiro fixo, a confiabilidade lhes garante estarem salvaguardadas de tudo. A exigência do “vestir a camisinha”, pode sugerir a possibilidade de estar ocorrendo a infidelidade entre os casais,

“– você usa camisinha com seu parceiro?  
(negação com a cabeça). Meu parceiro não quer, não gosta de  
usar”. (Santos, 1997. p. 78)

As características da atividade de “prostituição” exercida pelas mulheres na Praça em que se constata um elo mágico de “compromisso” estabelecido entre homem/mulher, sustentado pelo sentimento de confiabilidade da mulher, nos remete para a necessidade urgente de implementação de pedagogias específicas, formas adequadas às suas representações e práticas diferentes daquela prostituição dos grandes centros envolta na problemática social na qual as drogas e violências estão presentes. O fato da atividade dessas mulheres na Praça não ter a transparência que a prostituição nos grandes centros tem, não conduz à discussão na comunidade, principalmente quando esta faz questão de não perceber que elas existem.

As peculiaridades encontradas na atividade de prostituição na Praça Rocha Pombo, provavelmente, podem ser encontradas em inúmeros municípios do interior do Estado do Paraná e do Brasil. O processo de modernização da agricultura, a atual crise econômica na agropecuária, desestruturou famílias inteiras de sítiantes, de trabalhadores rurais das quais essas mulheres fazem parte. A esse grupo social só restou a alternativa de buscar, na cidade “grande”, o “pão” de todo o dia. Ficaram para trás a sobrevivência no seio do grupo familiar, o trabalho na roça, o “acolher” do calor humano da família. O desemprego e a pauperização tendem a desestruturar o grupo familiar. As cidades são frias, impessoais e seletivas. A modernidade, como bem definido por Augé, é produtora dos não-lugares. Assim, as “mulheres de programa” buscam a vida organizada. Um passado no qual tinham pai, mãe, irmãos ou maridos e filhos e o trabalho na terra que tudo lhes dava. Desse modo, as estratégias de sobrevivência vão sendo elaboradas com base nos habitus da socialização no meio rural, assim sendo, o “programa” se mistura ao sonho de encontrar um companheiro para organizar a vida,

“– ...sonho... ter minha casinha bonitinha, com meu filho dentro, eu ali. Não importa trabalhar, porque trabalhar não é defeito, defeito é... mesma amizade viver aqui, e o home dispensar a gente. As veis eu sou melhor do que uma que tá ali (aponta para as mulheres que passam no outro lado da rua)”.

“– Meu maior sonho é ver minhas filhas (cinco) bem casadas, bem realizadas. E com um monte de netinho também.. Ah, Óh, eu já tô com 38 para 39 ano. Eu quero arrumar um home que me sustente...” ( Santos, 1997, p. 83)

Assim, nascem as “mulheres de programa”: na vivência contraditória da vergonha e luta pela sobrevivência que as leva, muitas vezes, a adotar a fantasia de uma nova identidade (os nomes de guerra) no momento do “programa”. Para as mulheres da Praça, ser “mulher de programa” é diferente de ser prostituta, o programa está ligado a idéia de prazer, enquanto a prostituição remete a tudo aquilo

que é ruim, que é vício, que não presta e que é condenado no contexto da sua socialização.

A prostituição negada enquanto trabalho, profissão, é exercida como uma estratégia de sobrevivência, como uma forma momentânea de “ganhar a vida” porque estão num momento de precisão. Mistura-se à visão romântica da busca de um parceiro, visualizando em cada cliente “fixo” o “seu home”, a sua possibilidade de reorganizar a vida, de reconstituir uma família nos padrões da sua socialização. Sendo assim, os sonhos, as fantasias vão fluindo, mantendo-as vivas à espera de dias melhores:

“... Tem pessoas que gostam desta vida, eu não. Eu venho pela necessidade”. (Santos, 1997, p. 47).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADLER, Laure. *Os bordéis franceses, 1830-1930*. Trad. Kátia Maria Orberg e Eliane Fitipaldi Pereira. São Paulo, Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1991.
- ANTUNIASSI, Maria Helena Rocha; AUBRÉE, Marion; CHONCHOL, Maria Edy Ferreira. *De sitiante a assentado: trajetórias e estratégias de famílias rurais*. REVISTA da Fundação SEAD, São Paulo, 7(3), 1993.
- ANTUNIASSI, Maria Helena Rocha. “Produção e reprodução em assentamentos de trabalhadores rurais: a trajetória da família Pereira”. In: *O Desenvolvimento de uma outra agricultura: acesso à terra e a meios de produção, a questão da fome e a interação Social*. Curitiba, Anais do Workshop, 30 de out. a 1 de nov. 1995.
- \_\_\_\_\_. *Noções sobre o pensamento de Bourdieu, anotações de sala de aula*. 1996.
- \_\_\_\_\_. *Família em São Paulo: vivência na diferença*. São Paulo, CERU, 1997. (Coleção Textos. Série 2, n. 2).
- BACELAR, Jeferson Afonso. *A família da prostituta*. São Paulo, Ática, 1982. (Ensaio; 87).
- BERTAUX, Daniel. *L'approche biographique: sa validité méthodologique ces potentialités*. CAHIERS Internationaux de Sociologie, Paris, (49), 1980.
- BERTERO, Adailsa Pires de Araújo. *Prostituição: uma forma de trabalho*. Araraquara, 1991. Dissertação de Mestrado.
- BENATTI, Antonio Paulo. *O Centro e as Margens. Boemia e prostituição na “capital mundial do café” (Londrina: 1930-1970)*. Curitiba, UFPR, 1996. Dissertação de Mestrado.
- BOSI, Ecléia. “Cultura e desenraizamento”. In: BOSI, Alfredo. (org). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo, Ática, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa, Difel, 1989.
- \_\_\_\_\_. “Effets de Lieu”. In: *La misère du monde*. Seuil, Paris, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Sur la télévision*. Editions Liber, Paris, 1997.
- BRIOSCH, Lucila Reis; TRIGO, Maria Helena Bueno. *Família: representação e cotidiano. Reflexão sobre o trabalho de campo*. São Paulo, FINEP/CERU, 1989. (Coleção Textos. Série 2, n. 1).
- CASTRO, Rosimeire Aparecida Angelini. *O cotidiano e a cidade: práticas, papéis e representações femininas em Londrina. (1930-1960)*. Curitiba, UFPR, 1994. Dissertação de Mestrado.
- FELDMAN, Sarah. *As segregações espaciais da prostituição feminina em São Paulo*. ESPAÇOS e Debates, São Paulo, NERU, (28), 1989.
- FOLHA DE LONDRINA, 17 de abril de 1994.
- FOLHA DE SÃO PAULO, 09 de outubro de 1995.

- FREITAS, Renan Springer. *Prostitutas, cafetinas e policiais. A dialética das ordens opostas*. DADOS: Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 27(2), 1984.
- GASPAR, Dulce M. *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- \_\_\_\_\_. "Mulheres, sexualidade e AIDS: um projeto de prevenção". In: AMADO, Tina; COSTA, Albertina de Oliveira (orgs). *Alternativas escassas. Saúde, sexualidade e reprodução na América Latina*. São Paulo, PRODIR/FCC; Rio de Janeiro, Ed. 34, 1994.
- GUIMARÃES, Carmen Dora. *Mulheres, homens e AIDS: o visível e o invisível*. Projeto Analizando o Passado e Planejando o Futuro. GT: O Impacto Social e Econômico da AIDS. IMS/UERJ, Rio de Janeiro, 1992.
- KLÜPPEL, Cristina Carla; LAMB, Roberto Edgar. *A prostituição em Curitiba. (1917-1920)*. UFPR, Curitiba, UFPR, 1989. (Monografias do Departamento de História, n. 1).
- KNAUTH, Daniela Riva. *Uma doença dos outros: A construção da identidade entre mulheres portadoras do vírus da AIDS*. Salvador, ABA, 1996. texto xerografado.
- MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Além da moral burguesa. Um mito de resistência e conformismo*. HISTÓRIA e Perspectiva, Uberlândia, 1(1):37-53, jul./dez. 1988.
- MOREIRA, Eliana Monteiro; ARAÚJO, Maria de Fátima Santos de; VIEIRA, Maria do Socorro de Souza. *Perdas e desenraizamentos no Imagário dos Sujeitos em situação de risco*. Salvador, ABA, 1996.
- ORTIZ, Renato (coord). *Pierre Bourdieu*. São Paulo, Ática, 1980. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 39).
- MORAES, Aparecida Fonseca. *Mulheres da vila*. Petrópolis, Vozes, 1996. Dissertação de Mestrado.
- RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- RAMOS, Sílvia. *O Estado das Políticas Públicas: AIDS e Sociedade Civil no Brasil*. S.l., s.d. texto xerografado.
- SANTOS, Liana Reis dos. *Representações e Práticas da Prostituição em Londrina*. Londrina, UEL, 1997. Monografia de especialização em Sociologia e Sociologia da Educação.
- SEFRIN, Adriane; BATISTA, Maria F. C. "A prostituição em Londrina (1950-1970)". In: CERNEV, Jorge (org). *História do Paraná: trabalhos de pesquisa*. Londrina, 1989, datiloscrito.
- TOKARSKI, Célia Regina; BURCOWSKI, Marilis; FEITOSA, Samara. *Contradições de uma sociedade: condutas desviantes e prostituição em Curitiba, de 1910 a 1916*. UFPR, Curitiba, UFPR, 1989. (Série Monografias).
- VOLPATO, Abertina. *A mulher HIV+*. Projeto Analizando o Passado e Planejando o Futuro. GT: O Impacto Social e Econômico da AIDS. IMS/UERJ, Rio de Janeiro, 1992.

**Abstract:** This article analyzes the representations and practices of prostitution among female hookers in the Rocha Pombo Square (Londrina-PR). It strives to understand a specific daily routine of which the "rules of the game" alone can be disclosed and lived by those who dominates them or to whom it is allowed to penetrate in the embroidery frames of the world of prostitution. This research is justified for giving voice to the female hookers and for trying to comprehend the representation these women make of themselves and of those other women of the Square.

**Keywords:** representation; prostitution; habitus/campus.